

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de S. Paulo Class.: Pacto Amazônico
Data 21.07.77 Pg.: 13 08

Perez louva proposta brasileira do Pacto Amazônico

Da AP e
da sucursal de
BRASÍLIA

O presidente venezuelano Carlos Andrés Perez qualificou, ontem, em Caracas, como "uma boa iniciativa" a proposta do governo brasileiro para a formação do "Pacto Amazônico" como forma de desenvolver a região amazônica. "Estudamos a proposta com toda a receptividade, porque acreditamos que é uma boa iniciativa por parte do governo do Brasil", disse o presidente, acrescentando, porém, que não podia dar uma opinião em público sobre a proposta brasileira.

Os chanceleres José de La Puente, do Peru, e Azeredo da Silveira, do Brasil, firmaram, domingo passado, em Brasília, um comunicado conjunto em que formalizaram bilateralmente a proposta para a criação do "Pacto Amazônico". A proposta do governo brasileiro é dirigida aos governos do Peru, Equador, Colômbia, Guiana, Bolívia, Suriname e Venezuela.

REAÇÃO EM BRASÍLIA

Em Brasília, as declarações do presidente venezuelano foram recebidas pelo chanceler Azeredo da Silveira "com muita satisfação", segundo informou ontem o porta-voz do Itamaraty, conselheiro Luiz Felipe Lampreia, que deu ênfase à expressão de contentamento utilizada por Silveira ao se inteirar da manifestação de Andrés Perez.

Já os especialistas do Itamaraty consideram "muito claras" as opiniões de Caracas, segundo as quais o pacto representa "uma boa

iniciativa do governo brasileiro" e está sendo examinado "com toda a receptividade" pelo governo venezuelano. Apesar da ressalva de Perez, de que preferia não se referir já publicamente à idéia do Pacto Amazônico, suas palavras são consideradas um apoio quase explícito à iniciativa brasileira.

Os analistas acreditam que a manifestação de Perez a jornalistas venezuelanos significa um primeiro passo para a adesão de Caracas ao projeto do pacto, principalmente porque partiu da mais importante autoridade desse país. Até agora, a Venezuela é o único dos sete países consultados pelo Brasil que ainda não deu uma resposta favorável

à idéia. Bolívia, Colômbia, Peru, Equador, Guiana e Suriname aderiram "em princípio" ao projeto, reservando-se para uma resposta mais definitiva após o início dos estudos concretos.

O pronunciamento do presidente Carlos Andrés Perez, neste momento, é considerado "muito sintomático" pelos setores diplomáticos de Brasília. Ele ocorre poucos dias após a visita do chanceler peruano José de La Puente ao Brasil, durante a qual esse país vizinho manifestou, em diversas oportunidades, sua ampla concordância com o Pacto Amazônico. A reação de Perez é interpretada, assim, também como demonstração de que a Venezuela percebeu que a idéia do

Pacto Amazônico está avançando rapidamente e de que ela ficaria isolada se retardasse por mais tempo sua manifestação favorável. O Peru é um importante país da área e sua adesão certamente estimulará apoio maior dos demais parceiros.

ADESÃO

Especialistas do Itamaraty indicam que o próximo passo da Venezuela seria uma palavra oficial de sua chancelaria, aderindo pelo menos "em princípio" ao Pacto Amazônico, como foi feito pelos demais países consultados.

A demora venezuelana foi entendida, até agora, como um dos lances do jogo diplomático de relações atualmente frias entre Caracas e

Brasília. Essa frieza foi motivada pelo total engajamento da Venezuela em dois importantes itens da nova diplomacia dos Estados Unidos: direitos humanos e não-proliferação nuclear. A visão do governo Carter a respeito desses temas afetou o Brasil, provocando a denúncia do acordo militar com os Estados Unidos e desencadeando grande resistência na defesa do acordo nuclear, assinado com a República Federal da Alemanha.

Essas posições da Venezuela irritaram o governo brasileiro, porque ocorriam precisamente no instante em que outros parceiros continentais proporcionavam amplo apoio ao Brasil. Foi o caso da Argentina, que

em diversas oportunidades defendeu o direito brasileiro de desenvolver sua própria tecnologia nuclear. No capítulo dos direitos humanos, a reação de Buenos Aires também foi idêntica à de Brasília, abrindo mão da assistência militar antes oferecida pelo governo dos Estados Unidos.

A frieza das relações entre Brasil e Venezuela vem retardando uma projetada visita do ministro Azeredo da Silveira a Caracas, encaminhada sem êxito desde o ano passado. Os preparativos preliminares da viagem chegaram a merecer a ida à capital venezuelana do chefe do Departamento de Promoção Comercial do Itamaraty, embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, que

foi acertar com a Venezuela as bases para a assinatura de um "pacote" diplomático. O apoio da Venezuela à política de Carter impediu, porém, que as negociações avançassem satisfatoriamente, adiando a visita de Silveira, que chegou a ter data marcada, em abril.

Um encontro realizado no mês passado, na ilha de Granada, à margem da assembléia-geral da OEA, entre os chanceleres Azeredo da Silveira e Escobar Salom, deve ter criado condições mais favoráveis a uma reaproximação dos dois países. Na ocasião, falando aos jornalistas brasileiros, Silveira disse que estava "mais animado" com a perspectiva do possível apoio venezuelano à idéia do Pacto Amazônico.